

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Redactora e proprietaria— D. Violante Atahalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

As assignaturas para a Corte são de 2⁵ por trimestre, 4⁵ por semestre e 8⁵ por anno. Para as províncias 5⁵ por semestre e 10⁵ por anno no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Cajueiros n.º 164 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 17 de Maio de 1874.

A publicação da versão do *Noventa e tres* de Victor Hugo, por uma das mais distintas penas do nosso paiz, o Sr. Dr. Salvador de Mendonça, dessa espantosa obra pelas proporções, pelos traços, pelo desenvolvimento, pelo estilo, pelo desfecho, pela nomeada que para logo adquiriu, e pelos resultados que alcançará em prol do progresso e da humanidade, nos suggeriu o desejo de publicar a carta que o grande philosopho-poeta escreveu no dia em que terminou os *Miseraveis*, ao seu amigo Augusto Vacquerie.

Eis-a:

« Presado Augusto.—Esta manhã, 30 de junho (1861) ás oito horas e meia, com esplendido sol nas minhas janelas, acabei os *Miseraveis*.

« Sei que a novidade lhe interessará, por isso desejo que de mim próprio a conheça. Devo-lhe esta carta de participação. Tem afecto à obra, e teve já a bondade de anunciar-m'a no seu admirável livro, *Profils et Grimaces*. Sociba que a criança passa bem. Escrevo-lhe estas linhas com a ultima gota de tinta que sobrou do livro.

« E sabe onde o acaso me levou para terminar este livro? Ao campo de Waterloo. Alli estive seis semanas, quasi escondido. Criei um outro ao lado do leão, e nelle escrevi o desenlace do meu drama. Foi na planicie de Waterloo, e no mez de Waterloo, que dei a minha batalha. Espero não haver-a perdido.

« Escrevo-lhe da aldeia de Mont-Saint-Jean. Sairei amanhã, continuarei a minha viagem pela Belgica, e irei mais longe, se me for possível ir.

« Esta portanto, acabado o livro. Mas quando apparecerá? É outra questão. Reservo-me examiná-la depois. Com) sabe, não tenho pressa em publicar o que escrevo. O importante para mim é que os *Miseraveis* estejam concluidos.

Agora estou ultimando o *Fin de Satan*, e no entanto fecharei os *Miseraveis* com seis chaves, com seis chaves, como diz o seu grande confrade Calderon...

« Até breve. Se me escrever, manda-me a carta por Carlos, que tambem trabalha. »

A 18 de junho de 1865, Napoleão I, o genio da guerra, dava em Waterloo horrenda batalha—e perdi-a com o trono!

Passados 46 annos e 12 dias, Victor Hugo, o genio da literatura e o dominador da Europa pelo talento, dava

outra batalha espantosa em Waterloo e ganhava-a; firmando o novo trono em immorredoura gloria!

O primeiro encontrava no campo 240 mil homens promptos a despedacarem-se, e deixava, com effeito, naquella voragem mais de 49 mil, quer dizer, a ruina de 49 mil familias.

O segundo só encontrava no campo recordações belicosas, porém trazia consigo tres mil paginas admiraveis, quer dizer, a regeneração de tres mil povos.

Napoleão I, em Waterloo, representou a destruição do genero humano.

Victor Hugo a emancipação da humanidade.

Para um—a guerra com a espada!

Para o outro—a paz com a pena!

Mas o ultimo, na paz, ficou mil e mil vezes superior ao primeiro, na guerra.

Porque um invadia e luctava para destruir e separar—e o outro invade e luta para edificar, para unir, para congregar, para fraternizar.

O Sr. Dr. Sebastião de Saldanha

A scieuncia de Esculapio e de Hypocrates é como a religião, criação mysteriosa e divina, qual luz surgida no meio das trevas da ignorancia.

O padre e o medico são os Levitas do Senhor: ambos carregam a arca da humanidade.

E quando o medico, comprehendendo a sua missão na terra, e só attendendo ao seu sagrado mister, envida todos os esforços para salvar o -doente—que lhe fora confiado, merece, por sem duvida, maior elogio.

O Sr. Dr. Saldanha acaba de operar um verdadeiro milagre, pela sua pericia e zelo, salvando das garras da morte o filho mais velho de minha sobrinha Thereza de Bivar Telles de Menezes, que fora acommettido de bexigas e typho. Era para ver o estado gravissimo do menino Francisco de 9 para 10 annos de edade, e o zelo, a pericia e a assiduidade desse distinto filho de Podalyro, a quem coube o ramo da victoria, após 19 dias de uma luta encarniçada, restituindo a seus pais, ausentes no Maranhão, esse menino, confiado a seus avós na Corte.

Releve o Sr. Dr. Saldanha que, possuída de assombro ante esse verdadeiro milagre operado à nossa vista, lhe tributem os aqui o culto do nosso respeito.

O Método de Ahn, por H. A. Gruber

Quando no mundo tudo se move ; e, ao influxo poderoso do progresso, as ideias se formam e se modificam, transformando-se também a própria matéria, não seria justo que os métodos de ensino ficassem paralysados, e, por assim dizer, se conservassem rotineiros.

Foi o que dissemos ao lêr rapidamente o Primeiro Curso do *Método de Ahn*, para aprender-se praticamente e com facilidade a língua francesa, e cujo primeiro fascículo nos ofereceu o Sr. H. A. Gruber, seu autor.

O mérito desta obra é que o estudante ao terminar todo o curso, não só estará familiarizando com as formas da língua francesa, como terá adquirido grande copia de significados, que lhe facilitará a leitura dos autores dessa língua universal.

Agradecendo a offerta, aqui expendemos o que julgamos conveniente dizer sobre o livro do Sr. H. A. Gruber.

NOTAS DE INTERESSE GERAL

A cidade da Philadelphia tem de área 120 milhas quadradas, 500 milhas de ruas calcadas : 410 igrejas e 396 escolas. Em 1872 houve na cidade 702 incêndios. Esta cidade possui um dos maiores jardins do mundo. O seu jornal mais importante é o *Public Ledger*, cuja tiragem é de 88,000 folhas diárias.

Em New-York ha 125,000 mulheres que ganham a vida em outros empregos que não os domésticos. Desse número 12,000 trabalham em flores artificiais, 20,000 em fábricas de saias e colletes de senhoras, e 12,000 em fábricas de chapéus de senhoras.

Faleceu em Londres o redactor principal do *Punch*, periódico inglez caricato de grande nomeada, Mr. Shisley Brooks.

Mr. Sumner dos Estados Unidos, pela sua morte legou a metade dos remanescentes de seus bens à Universidade de Harvard, para ser aplicada especialmente à sua biblioteca. Diz elle no seu testamento : "Esta doação é afita à Universidade em espírito de respeito filial."

LITERATURA

O Castello encantado

(LELDA HESPAÑOLA)

(Conclusão)

V

Entretanto Ferdinando não morrera na perigosa expedição a que o arrojaram o ciúme e a inveja.

Por muito tempo vagou elle por montes e selvas, batida desgraça e da fatalidade.

E um dia transviado do caminho...

VI

Havia na Andaluzia um immenso castello fenal.

Estava encostado de uma montanha, sobre um ro-

chedo escarpado, dominava os arredores em uma grande distância.

Havia muitos annos, séculos talvez, que fôra abandonado e os habitantes circunvizinhos, os netos dos velhos servos da gleba tinham-o como uma habitação de espíritos e phantasmas.

Benziam-se tremendo, ao avistalo ; por preço algum chegariam perto recelando que mão invisivel os precipitasse no fosso ou sobre elles atirasse das ameias ; o limo cobria-lhe as muralhas, vegetavam heras e parasitas, onde fôra outrora o jardim, e do outro lado o precipício escancarava as fauces pronto a sorver o ousado que o tuffasse.

Cantavam-se mil lendas do passado, narravam-se os casos do presente, sonhava-se nos terrors do futuro.

Dizia-se que o ultimo senhor fidalgo assassinara sua mulher e precipitara-se no abysmo, e desde então a sombra da infeliz esposa vagava nuns galerias solitarias ou se mostrava no alto da torre, desprendendo a voz aos ventos e cantando os threnos da desgraça e os sonhos do amor perdido.

Por veses um raio da lua, coando pelos vidros multicolores das ogivas, iluminava o castello com um brilho estranho, enquanto, pelas janellas entre-abertas, desprendendo a voz aos ventos e cantando tão harmonioso, que parecia dever ser o ultimo ; os camponezes julgavam fundo o misterio que es sobresaltava.

Mas no dia seguinte e nos subsequentes, os ventos levavam-lhe aos ouvidos as notas da mesma voz, e a mesma sombra branca ostentava-se na torre solitaria.

VII

E uma tarde, Ferdinando, transviado do caminho, chegou a esse castello.

Custou a vencer a resistencia dos camponezes, que não queriam deixá-lo dirigi-se para lá.

Afinal a porta de bronze do parque rangeu sobre os gonzos enferrujados, elle galgou a ponte em ruinas, passou a alliada fachada e o atrio coberto de limo, percorreu as vastas galerias e chegou á sala de armas, onde ostentavam-se os retratos da familia.

Acomodou-se, e como era já chegada a noite, procurou dormir.

Leve ruído, que partia dos aposentos vizinhos, perturbou o silencio horroroso que o cercava e a solidão povoaou-e de phantasma, depois uma voz maviosa soluçou harpejos, que iam de écho em écho perder-se nas longas salas desertas.

Ferdinando ergueu-se e encaminhou-se para o ponto donde partia a voz. Uma forma indecisa mostrou-se a principio, depois elle distinguiu uma mulher vestida de roupas brancas :

Era a pallida Petrina.

Aquelle encontro inesperado na galeria isolada do abandonado castello, aquelle lugar que coava pelas ogivas, aquella voz suave, a voz de sua amante, a voz de Petrina, impressionaram-o vivamente.

Mas Petrina ficara na corte, rica talvez e esquicida delle. Amargo sorriso passou-lhe pelos labios.

Como reconhecer no gargalhar da louca o doce sorriso da actriz ? como transformou-se o olhar da amante no olhar desvairado da apparição ? Não era Petrina, não. Mas aquella voz ! ...

E de conjectura em conjectura desvairou-se-lhe também a razão.

VIII

Depois seguirão-se protestos de amor e fallas da paixão, cantos e threnos, e entre cortados por gargalhadas convulsas, e à meia-noite, os camponezes, que, de longe, esperavam o fim da ventura, viram voltear no ar e descer ao abysmo o corajoso moço enlaçado nos braços do phantasma.

IX

Desde então vagam todas as noites no abandonado casulo as sombras sempre unidas dos infelizes amantes :— Ferdinando e Petrina.

FIM

PARTE RECREATIVA

A carnaúba

Entre as arvores mais utéis do Brazil merece especial menção a carnaúba (*Coperniciacerifera*), palmeira que sem cultura se desenvolve nas províncias do Ceará, Rio Grande do Norte e algumas das mais vizinhas.

Talvez não se encontre em nenhuma região arvore que se aplique a tantos e tão variados usos.

Resiste a intensas e prolongadas secas, conservando-se constantemente vícosa.

As raízes produzem os mesmo efeitos medicinais que a salsaparrilha. Do tronco obtém-se fibras rijas e leves que adquirem o mais lindo brilho, esteios, caibros e outros materiais de construção civil, e bem assim ótimas estacas para cercas divisorias.

Com o palmito que, quando novo, serve de alimento apreciado e muito nutritivo, faz-se vinho, vinagre, uma substância saccharina, e também grande quantidade de goma parecida com sagú, cujas propriedades e gosto possue.

Tem muitas vezes servido de sustento aos habitantes d'aqueellas duas províncias em ocasiões de excessiva secca.

Da madeira do tronco fabricão-se instrumentos de música, tubos e bombas para água.

A substância tenra e fibrosa do amago do talo e das folhas substitue perfeitamente a cortiça. A polpa do fruto é de agradável sabor, e a amendoa, assás oleosa e emolhiva, é, depois de torrada e reduzida a pó, usada como café por algumas pessoas do interior.

Do fruto extrai-se ainda uma espécie de farinha similar à maizena, e um líquido bastante alvo, igual ao que produz o fruto conhecido pelo nome de coco da Bahia.

Da palha secca fazem-se esteiras, chapeos, cestas e vassouras, e já se exporta não pequena porção para a Europa, onde é empregada no fabrico de chapeos finos que em parte voltam para o Brazil, calculando-se em cerca de 1.000.000\$000 o valor de sua exportação.

Finalmente, suas folhas produzem cera aplicada ao fabrico de velas que tem extenso consumo nas províncias do norte, principalmente na Ceará, onde já é ramo importante de comércio.

Apanhados

Um amigo se despede de outro amigo á hora do jantar.

— Estou quase, diz o dono da casa, convidando-o para jantar comigo, mas não sei se tenho alguma coisa boa...

— Meu senhor, diz-lhe o cozinheiro, que sahia nesse momento, ao ouvido, meu senhor tem uma cabeça de porco.

**

Uma senhora lê, sentada, em um banco do passeio público.

Um gamengo se aproxima e fica em pé, por de traz sem tugir nem mugir.

Depois, não sabendo o que ha de dizer, anima-se a fazer-lhe esta advertência :

— Minha senhora, tendes um gafanhoto às vossas costas.

— Já sabia, respondeu ella, que estaveis ali há muito tempo.

..

Havia em Lisboa, no reinado de João IV, um certo escrivão tão dado aos prazeres da mesa, e tão apegado à cama, que todo o tempo lhe parecia pouco para comer e dormir. Com este procedimento sofreriam graves prejuízos as partes que demandavam justiça, esperando e desesperando por não poderem falar ao escrivão sem grandes delongas.

Chegando isto aos ouvidos do soberano, mandou este recado ao desleixado empregado para que fosse à sua presença no dia seguinte, pela manhã.

Foi pontual o escrivão. Como sabia que El-Rei era madrugador, apresentou-se no paço pouco depois de amanhecer.

Correram horas sobre horas, e o monarca não aparecia nem o mandava chamar. Eram ave-marias, e o escrivão cheio de fome e de impaciencia, julgando que El-Rei se tinha esquecido dele, esquecia-se de si mesmo, e desesperava-se de balde, sem saber o que havia de fazer. Nisto abre-se de repente uma porta da sala, onde o escrivão se achava passando insófrito, e aparece D. João IV.

El-Rei, dirigindo-se ao escrivão, disse-lhe com severidade : "Estas estou fadado de esperar um dia para me falar? Pois que farão as pobres a que fazeis todos os dias esperar e desesperar? Ide, cuidae no vosso officio, se não queréis que vol-o tire.

Com uma tal advertência o escrivão emendou-se.

A mulher que não tem brio,
é boceta sem rapé,
é sacco roto, vazio,
que não se põe mais de pé.

E' sinja resgada anagua,
é fogeira sem clarão,
é pogo que não tem agua,
é barco sem direccão.

E' carteira sem dinheiro,
é rebanho sem pastor,
é relógio sem ponteiro,
é aula sem professor.

E' tudo de mau no mundo,
é tudo que o demo quer,
é um lodacal immundo
a sem vergonha mulher.

POESIA

Sonhava comigo

A' MINHA FILHA — BRANCA —

« Uma porção de minh'alma
é hasde ó filha achar aqui;
e pede por mim quand'os lères
e qu'eu peço agora por ti.

(G. DE AMORIM.)

Teu leito de crina,
Só eu perfumava;
Tu eras menina,
A mai t'emballava.

A face formosa,
A meio rozada,
Da cor d'uma roza.
Gentil encarnada.

A bocca vaidoza,
Sorrindo p'ra mim,
Deixava entrever,
Eulevos sem fim

Seus negros cabellos,
Por si ondeados,
No collo de jambo,
Cem graça espalhados.

Ao leve arphar,
Do peito anciado,
Se vê qu'o sonhar,
O traz agitado.

Os braços se abrem
Alguem procurando,
Se forá comigo...
Que dormes sonhando ?!

Eu amo-te menina
Assim dormitando
Deitada na crina
Comigo sonhando.

O anjo da noute,
Adéje por ti,
Qu'eu durmo ditoza,
Por tudo o que vi.

Rio Preto, Janeiro de 1874

D. Honorata Minerva Carneiro de Mendonça.

Charadas

Aspiram-me, e sou respirado
Nas quadrilhas em francez sou muito usado

CONCEITO

Eu sou um rapaz gaiato,
Sou artista gosto da sesta !
Apaxanado por theatros,
E amante de toda festa.

L....

CHARADA DUPLICE

OPFERECIDA A UM DOS DISTINCTOS MEDICOS DA CÓRTE.

Sendo cathedral,	1
Sou tambem conjuncão	3
Sou termo de fortificação	1
Sendo usado no estrangeiro	1
Eu não entro na panella	1
Em manha me acharás, Mas uma letra substituirás ;	
E por qual ? . Ora es a é boa !	
Medita que acertarás	3

CONCÍUTO

E' filho de Podalyro
E' illustre em nascimento,
Mas na sua alta sciencia
Firma-se seu merecimento.

B....

A decifração da charada do numero antecedente
Maria Leonilda.

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes das Províncias, que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, o hajão de fazer ató o fim do mes que rege, assim de não haver interrupção na remessa da folha.

A todos os nossos assignantes da Corte que não receberem regularmente « O Domingo » rogamos o favor de participarem no escriptorio da redacção, rua do Príncipe dos Cajueiros n. 164 sobrado, assim de se darem as providencias necessarias.

A redacção do nosso periodico aceita com especial agrado todo e qualquer articulo que não altere o programma da folha, devendo porém os mesmo serem assignados pelos autores e remettidos á rua da Alfandega n. 185 typographia ou á rua do Príncipe dos Cajueiros n. 164 sobrado, com o seguinte indereço : « A' redactora do Domingo. »

Typ. da rua da Alfandega n. 185.